

Proposta Pedagógica Crítica:

articulação entre o Teatro do Oprimido e o Ensino de Ciências.

Mestranda Dayana Haenisch
Orientador Prof. Dr. Marcelo Lambach
UTFPR- Campus Curitiba - PPGFCET

Esse produto educacional tem sua arte e design inspirados na *Árvore do Teatro do Oprimido*.

Disponível em: <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/>

Autorização do *Uso de Imagem* encontra-se como anexo na dissertação de mestrado “Ensino de Ciências no acolhimento institucional: a ciência no palco” sendo essa apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Formação Científica, Educacional e Tecnológica, do Programa de Pós Graduação em Formação Científica, Educacional e Tecnológica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

H135p Haenisch, Dayana

Proposta pedagógica crítica : articulação entre o Teatro do Oprimido e o ensino de ciências / Dayana Haenisch, Marcelo Lambach.-- 2017.
29 f.: il.; 30 cm.

Bibliografia: f. 29

1. Ciência - Estudo e ensino. 2. Freire, Paulo, 1921-1997. 3. Teatro e sociedade. 4. Análise do discurso. 5. Prática de ensino. I. Lambach, Marcelo. II. Título.

CDD: Ed. 22 -- 507.2

Biblioteca Central do Câmpus Curitiba - UTFPR

Inspiração para a Proposta Pedagógica Crítica

Para Freire (2014, p.139) a “[...] a investigação se fará mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quanto, deixando de perder-se nos esquemas estreitos das visões parciais da realidade, das visões “focalistas” da realidade, se fixe na compreensão da totalidade”.

Com essa inspiração é que os resultados da dissertação intitulada “Ensino de Ciência no acolhimento institucional: a ciência no palco” conseguiram vislumbrar a apropriação do conhecimento científico, para o desenvolvimento de autonomia, autoconfiança, protagonismo, promoção da humanização como “ser mais” (FREIRE, 2014, p.47) das participantes.

Nesse sentido, no estudo realizado observou-se um progresso na significação conscientizadora, com a transição da consciência ingênua para a consciência crítica por parte das adolescentes participantes, ao longo do desenvolvimento da pesquisa de campo, baseada nas análises de dados.

A promoção do ensino de ciências numa perspectiva crítico problematizadora, no espaço de educação não formal, em acolhimento institucional para adolescentes, na modalidade de Casa Lar, teve prática educacional intencional, em que demonstrou-se assertiva para a apropriação do conhecimento científico, para o desenvolvimento da autonomia, da autoconfiança e do protagonismo, objetivando preparação para a fase adulta

mais responsável, independente e conscientemente crítica de suas escolhas, sendo autoras de sua transformação individual e social, principalmente ao chegarem aos dezoito anos.

Pode-se dizer que a pesquisa se constituiu também em importante ação educacional para a formação científica e promoção do conhecimento científico em ambiente de educação não-formal, a partir do acesso ao ensino de ciências no acolhimento institucional, como também, apoiá-las no processo de rompimento do ciclo de violência na história de suas vidas.

Desse modo, caro Professor/Educador espero que essa motivação faça parte de sua prática pedagógica, em que novas metodologias de ensino possam colaborar para a melhoria da educação não formal, nos mais diversos espaços educacionais. Como também, desejo que sua atividade docente transforme os espaços de educação não formal em ambientes mais críticos e problematizadores, onde a práxis libertadora possa colaborar para uma sociedade mais consciente de sua valorização enquanto ser humano.

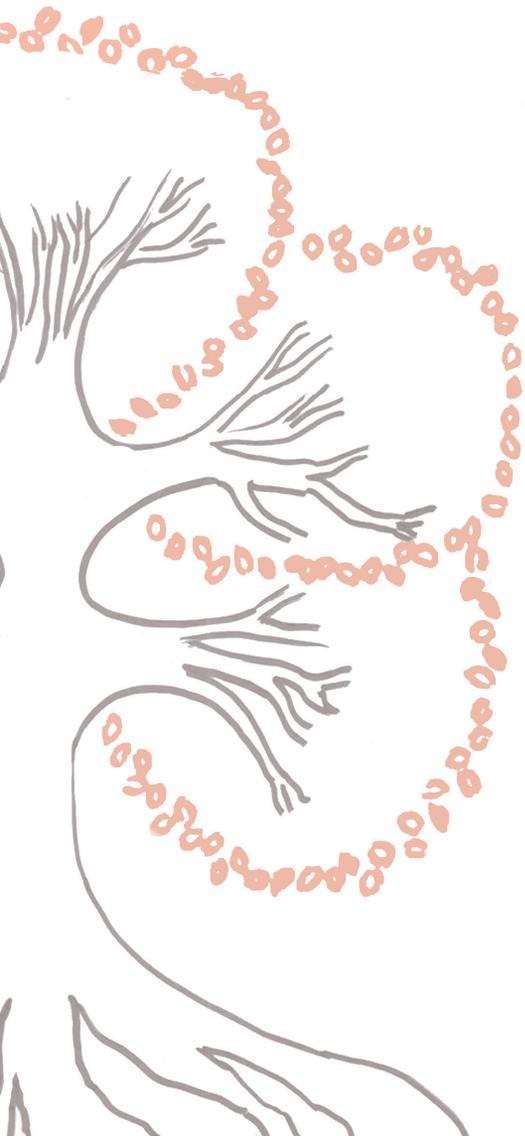
Mestranda Dayana Haenisch

Este caderno orientador é o produto educacional, da dissertação de mestrado intitulada “Ensino de Ciências no Acolhimento Institucional: a ciência no palco”, como forma de proposição pedagógica crítica: articulação entre o Teatro do Oprimido e o Ensino de Ciências, em uma abordagem freireana para públicos em situação de vulnerabilidade e/ou risco social.

Mestranda Dayana Haenisch.
Orientador Prof. Dr. Marcelo Lambach
UTFPR- Campus Curitiba - PPGFCET

Proposta Pedagógica Crítica:

articulação entre o Teatro do Oprimido e o Ensino de Ciências.



O que se entende por educação não formal?

Ao longo dos últimos anos a educação não formal vem sendo estudada mundialmente, por vários autores e esses entendem que ela acontece fora do ambiente escolar e com profícua contribuição para o desenvolvimento educacional dos sujeitos envolvidos. Considerando que “a educação não-formal é também uma atividade educacional organizada e sistemática, mas levada a efeito fora do sistema formal” (GADOTTI, 2005, p.2).

Nesse sentido, “a educação não-formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática” (GADOTTI, 2005, p.2), o que desperta flexibilidade e versatilidade do planejamento das atividades a serem realizadas, tanto por parte do educador quanto dos(as) educandos(as).

Assim, a educação não formal sob o ponto de vista “do legado freireano releva-se uma metodologia da ação pedagógica que granjeou um assinalável apreço na morfologia dos programas de educação não formal, assim como implicitamente nos reconduz para a importância da relação do sujeito com o mundo que o rodeia, a partir da qual procura o sentido da transformação social” (PALHARES, 2009, p.64).

Ensino de Ciências e a Educação não formal.

O ensino de ciências, em espaço de educação não

formal, tem por objetivo promover de forma planejada, o conhecimento científico nos mais diversos espaços. Para contribuir na formação de sujeitos mais críticos e conscientes da sua condição de vulnerabilidade e risco social, no presente caso e com vistas a se tornem autores de sua transformação individual e social.

Nessa perspectiva, Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2011, p.23), reconhecem a importância do ensino de ciências nos mais diversos espaços, ao afirmarem que “as Ciências Naturais como um conteúdo cultural relevante para viver, compreender e atuar no mundo contemporâneo, privilegiando conteúdos, métodos e atividades que favoreçam um trabalho coletivo dos professores e alunos com o conhecimento, no espaço escolar e na sociedade”.

Mas... o que é vulnerabilidade e risco social?

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL,2007,p.9), crianças e adolescentes estão vulneráveis quando tem comprometida “[...] a capacidade do indivíduo ou do grupo social de decidir sobre sua situação de risco, estando diretamente associadas a fatores individuais, familiares, culturais, sociais e políticos”.

De acordo com a Fundação de Ação Social¹ estar em situação de risco pessoal e social significa ter os direitos violados, ou estar em situação de contingência (pessoa com deficiência ou idosa necessitando de atendimento especializado). Normalmente, as pessoas em situação de risco social ainda estão convivendo com suas famílias.

Isto posto, há a necessidade de os profissionais que atuam com esse público compreenderem esse mundo paralelo vivido e seu contexto de vida, para poder intervir pedagogicamente, de maneira a realizar a sua prática pedagógica com vistas à apropriação do conhecimento científico por parte dos participantes, bem como ajudá-los a desenvolver seu potencial humano.

¹.CURITIBA. Fundação de Ação Social. Centros de Referência Especializados de Assistência Social – CREAS. Disponível em <http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/conteudo.aspx?idf=104>. Acessado em 15/06/2016.

A proposta pedagógica crítica...

Esse material traz uma proposta de ensino não formal para o ensino de ciências para o fortalecimento dos sujeitos, em busca do rompimento do ciclo de violência presente na história de vida das pessoas que estejam em situação de vulnerabilidade e/ou de risco social. Pretende-se, ainda, promover o ensino de ciências como conhecimento articulador para a discussão de temas diretamente relacionados ao cotidiano de vida dos envolvidos, a reflexão sobre a sua realidade tornando-os socialmente mais críticos e conscientes de sua humanidade histórica, o que impacta em suas escolhas.

Esse movimento abrange, em consequência, os docentes envolvidos na escolarização não formal, denotando a sua participação nesse processo de libertação, motivando-os à uma prática pedagógica em constante revisão e aprimoramento.

Essa proposta pedagógica crítica se organiza em torno da seguinte inquietação:

Como o ensino de ciências, em uma perspectiva progressista, em ambiente de educação não formal, pode contribuir para a formação científica e educacional do público em condição de vulnerabilidade e/ou risco social?

O objetivo da proposta contida neste produto educacional é contribuir para o ensino de ciências desenvolvido em ambiente de educação não formal, por meio da perspectiva crítico-problematizadora freireana, para a promoção do conhecimento científico aos participantes.

A perspectiva crítico-problematizadora freireana, se sustenta nos pilares da Pedagogia do Oprimido, proposta pelo patrono da educação brasileira, filósofo e educador Paulo Freire em seus escritos, com destaque ao livro Pedagogia do Oprimido, escrito em 1967 durante seu exílio no Chile e teve a publicação no Brasil, somente no ano de 1974.

A Pedagogia do Oprimido é comprometida com os homens, em um constante movimento de busca por sua humanização, sendo ela a vocação natural dos homens e mulheres, inseridos em um contexto histórico, social e real. É uma pedagogia comprometida com a busca da significação conscientizadora dos homens que leva à prática da liberdade, mediada pelo diálogo que se operacionaliza na “práxis” definida por Freire (2014, p.52)

como a “reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Como se faz isso?

Caro educador, a perspectiva progressista com as contribuições da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (2014) envolve todo o produto, esse utiliza o desenvolvimento de duas técnicas do método teatral brasileiro, conhecido por Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal. Posteriormente, articula-se a promoção do conhecimento científico, por meio do ensino de ciências, pautado nos Momentos Pedagógicos, referenciados por Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2011).

Planejamento

Essa planejamento pode ser adequado e flexibilizado, conforme o contexto, a realidade local e seu público alvo.

Duração: (Em torno de 01h30min cada)	Atividade:
01 Encontro	Investigação da Realidade da unidade
01 Encontro	Dinâmica de integração
02 Encontro	Realização do Teatro Imagem
05 Encontro	Desenvolvimento dos Momentos Pedagógicos
02 Encontro	Realização do Teatro Fórum

O planejamento prevê **visitar a unidade** para conhecimento da rotina dos participantes e conhecer a proposta pedagógica do espaço, caso se aplique, pois caso seja o próprio profissional que já atua no local, essa etapa pode ser excluída.

Seguindo com **registro de cada encontro**, destacando principais observações do grupo. E inicia-se a realização de encontros semanais com o desenvolvimento da técnica do **Teatro Imagem** do método teatral brasileiro, conhecido por Teatro do Oprimido, criado por Augusto Boal.

Posteriormente, articulando a promoção do conhecimento científico pautado nos **Momentos Pedagógicos** que visam a contribuição para o ensino de ciências, referenciados por Delizoicov, Angotti e Pernambuco.

Concluindo o processo educativo, com o desenvolvimento

da técnica do **Teatro Fórum**, também do Teatro do Oprimido.

Sobre o Teatro do Oprimido ...

O Teatro do Oprimido foi sistematizado pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal e ele visa à manifestação da intelectualidade e da capacidade de problematização da realidade, atribuindo-lhe uma característica visivelmente crítica da sociedade.

Também, objetivando a constante transformação do mundo em que se vive e do cotidiano opressor da sociedade como um todo, marcado pela violência ou pela existência do poder em exercê-la às pessoas. Essa violência pode se fazer presente nas mais variadas formas, seja física, verbal, psicológica, sexual, negligências, autoritarismo, abuso, escravidão, subserviências, preconceitos, entre tantas outras.

Nesse caderno orientador se utilizam duas técnicas teatrais, conhecidas por Teatro Imagem e Teatro Fórum. No entanto, caso deseje, pode aplicar outras técnicas teatrais desenvolvidas por Boal, que encontram-se disponíveis em seu livro "Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas".

Teatro

Imagem

Para Santos ² ,

"No Teatro-Imagem, a encenação baseia-se nas linguagens não-verbais. Essa foi uma saída encontrada por Boal para trabalhar com indígenas, no Chile, de etnias distintas com línguas maternas diversas, que participavam de um programa de alfabetização e precisavam se comunicar entre si. Esta técnica teatral transforma questões, problemas e sentimentos em imagens concretas. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados na imagem, que é real enquanto imagem. A imagem é uma realidade existente sendo, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada".

² SANTOS, Bárbara. Teatro Imagem. Disponível em <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-imagem/>. Acessado em 15/06/2016.

Essa técnica teatral consiste na intervenção direta do expectador na ação, a partir da opinião dele sobre um tema, de interesse comum do grupo, de um problema local, um incômodo individual ou coletivo ou um assunto da realidade local que possa ser problematizado, assim pede-se que cada participante, sem falar, expresse sua opinião por meio de realização escultura nos corpos dos demais participantes.

Nessa ação o sujeito irá “esculpir” sua opinião, pois “deverá determinar a posição de cada corpo até os detalhes mais sutis de suas expressões fisionômicas” (BOAL, 2014, p.140). Além do mais, cada participante poderá alterar a escultura do tema discutido até chegar a um modelo, com consenso de opiniões trazidas, ressalta-se a importância de discutir com todos os participantes se estão de acordo com o modelo construído ou se propõem outras transformações na escultura, esculpindo a realidade encontrada daquela temática problematizada do momento.

Após chegar a escultura constituída coletivamente,

**NESSA AÇÃO O
SUJEITO IRÁ “ESCULPIR”
SUA OPINIÃO, POIS “DEVERÁ
DETERMINAR A POSIÇÃO DE
CADA CORPO ATÉ OS DETALHES
MAIS SUTIS DE SUAS EXPRESSÕES
FISIONÔMICAS”**

(BOAL, 2014, p.140)

pede-se ao expectador, ou seja, o participante da ação, que discuta com o coletivo o que seria o ideal para a resolução da problemática, com base no consenso grupal, em seguida pede-se que agora ele possa esculpir outra imagem, onde retrate como ele gostaria que fosse, ou seja, como idealiza a melhor resolução para o tema discutido e problematizado, isso se dá com a participação coletiva dos demais participantes na ação esculpida. Nesse ponto, a técnica descreve o primeiro momento como a imagem do real e no segundo momento proposto, a imagem do ideal do tema discutido pelo grupo.

Assim, conferindo a imagem do real e a imagem do ideal, o Teatro Imagem converge para os pressupostos freireanos, com destaque para a relação que se estabelece na ação supracitada com o que Freire (2014, p.155) afirma “os indivíduos imersos na realidade, com pura sensibilidade de suas necessidades, emergem dela e, assim, ganham a razão das necessidades” e nesse sentido, busca-se que as participantes possam conquistar e ultrapassar o nível da “consciência real (efetiva)” (FREIRE, 2014, p.149), que pode ser localizada no momento da imagem do real para a “consciência máxima possível” FREIRE, 2014, p.149) que se faz, ou pretende-se que a faça, presente na imagem do ideal.

Teatro

Fórum

É a técnica mais conhecida do teatrólogo Boal, a qual prevê a participação direta do espectador na ação, “abandonando a condição de objeto e assumindo plenamente o papel de sujeito” (BOAL, 2014, p.136), enfatizando o tema a ser discutido para o processo da ação verdadeira.

O Teatro Fórum se desenvolve com uma cena curta de 10 a 15 minutos, podendo ser escrita anteriormente, não necessariamente improvisada, em que o enredo é proposto por qualquer participante do grupo, se tornando autor da situação-problema que necessita de uma solução, o enredo é discutido pelos “atores” com o “autor”. A cena se desenrola e é representada pelos “atores” até o ponto do problema central. Destaca-se que se ganha teatralidade quando a pessoa que propôs o tema, a situação problema ou que contou a história esteja presente no espetáculo.

No ponto central do problema que está sendo encenado, o fim é apenas o começo! Uma vez que, “Nesse ponto, os atores param de interpretar e pedem ao público que ofereçam soluções possíveis, para que as interpretem, para que as analisem. Em seguida, improvisando, interpretam todas as soluções propostas pelo público, uma a uma, sendo que todos os espectadores têm o direito de intervir, corrigindo ações ou falas inventadas pelos atores, que são obrigados a retroceder e a interpretar outra vez as mesmas cenas ou dizer as novas palavras propostas pelos espectadores. Assim, enquanto a platéia “escreve” a peça, o elenco simultaneamente a interpreta.

Tudo que possam pensar os espectadores é discutido “teatralmente” em cena, com a ajuda dos atores. Todas as soluções propostas e opiniões são expostas em forma teatral. A “discussão” neste caso não se produz através da utilização de palavras somente, mas sim de todos os elementos teatrais possíveis” BOAL (2014, p.136 e 137).

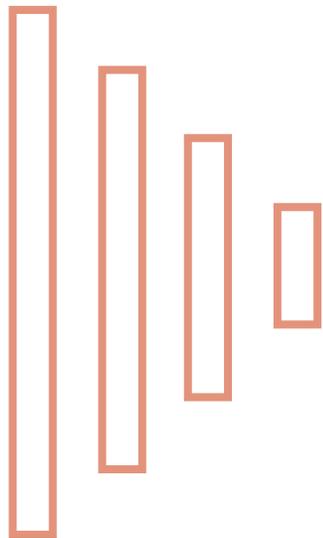
Para Santos ³,

“A dramaturgia simultânea era uma espécie de tradução feita por artistas sobre os problemas vividos pelo povo. Até o dia em que uma mulher, no Peru, não aceitou a tradução e ousou subir ao palco para dizer com sua voz e através de seu corpo qual seria a alternativa para o problema encenado. Aí nasceu o Teatro-Fórum, onde a barreira entre palco e platéia é destruída e o Diálogo implementado. Produz-se uma encenação baseada em fatos reais, na qual personagens oprimidos e opressores entram em conflito, de forma clara e objetiva, na defesa de seus desejos e interesses. No confronto, o oprimido fracassa e o público é estimulado, pelo Curinga (o facilitador do Teatro do Oprimido), a entrar em cena, substituir o protagonista (o oprimido) e buscar alternativas para o problema encenado”.

Destaca-se que os “artistas” são os próprios sujeitos comuns que se tornam atores representando a sua própria realidade.

³ SANTOS, Bárbara. Teatro Imagem. Disponível em <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-imagem/>. Acessado em 15/06/2016.

Metodologia



A proposta pedagógica crítica do presente caderno orientador está organizada em quatro grandes etapas:

- ▶ 1ª- Movimento de Aproximação e Estabelecimento de Vínculos com os participantes.
- ▶ 2ª- Identificação de Temáticas com o uso do Teatro Imagem.
- ▶ 3ª- Desenvolvimento do Conhecimento Científico Aplicado às Temáticas com uso dos Momentos Pedagógicos.
- ▶ 4ª- Análise da Realidade pela Representação com uso do Teatro Fórum.

Sugere-se a seguir o registro escrito do educador como instrumento de coleta de dados, durante a realização das mencionadas etapas, para o posterior processo avaliativo ao final da metodologia aplicada.

Movimento de Aproximação e Estabelecimento de Vínculos com os participantes.

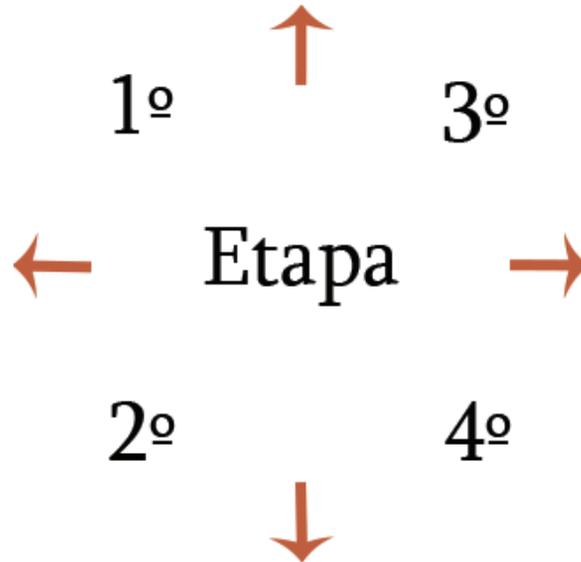
Instrumento: Registro escrito do encontro realizado pelo professor/educador, que tem por objetivo observar se os participantes discutem sobre alguns temas cotidianos, reflexão sobre o impacto de suas escolhas de hoje em seu futuro, promoção de visão crítica sobre a humanização, promoção de valorização individual e observar se demonstram autocuidado, autoconceito, iniciativa e o poder de escolha.

Identificação de Temáticas com o uso do Teatro Imagem.

Instrumento: Registro escrito do encontro realizado pelo professor/educador que visa perceber a expressão corporal com objetivo de estimular os aparelhos sensoriais dos participantes, para se desenvolver outras formas perceptivas do mundo. Ampliar a problematização do tema abordado, “em que o significado e o significantes se tornam indissociáveis, como o sorriso da alegria no rosto, ou as lágrimas da tristeza” (BOAL, 2014, p.17). Expressão da opinião dos sujeitos sobre determinado tema, trazendo-o para discussão, mas sem uso da fala.

Desenvolvimento do Conhecimento Científico Aplicado às Temáticas com uso dos Momentos Pedagógicos.

Instrumento: Registro escrito do professor/educador que pode notar nessa etapa “a desestruturação das explicações contidas no conhecimento de senso comum dos alunos que se pretende inicialmente, para logo após formular problemas que possam levá-los à compreensão de outro conhecimento, distintamente estruturado” (DELIZOICOV, ANGOTTI e PERNANBUCO, 2011, p.199).



Análise da Realidade pela Representação com uso do Teatro Fórum.

Instrumento: Registro escrito dos encontros que tem por objetivo modificar a posição epistemológica previamente assumida do público alvo da proposta pedagógica, ou seja, da condição de objeto para a de sujeito; com isso pretende-se que os participantes deixem

de interpretar o mundo cotidiano a partir da perspectiva individual e passem a mirá-lo como grupo, deixando de interpretar o que já está escrito e acabado para criar o novo.

Investigação da Realidade na unidade, caso não seja seu local de trabalho caro docente.

Justificativa: Considerando que a proposta é de realização nos mais diversos espaços de educação não formal, se faz necessária a apresentação de como ela se dará na prática, para os profissionais do espaço e principalmente, para os participantes.

Objetivo: Conhecer a rotina do público alvo, planejamento de horários e período de duração da proposta pedagógica crítica conhecer os profissionais da equipe técnica e diretiva, bem como o espaço físico do local.

Intencionalidade: Com base se nas informações coletadas, levantar o contexto que vivem os educandos participantes.



Sobre Intencionalidade dos registros escritos de cada encontro...

Justificativa: Estabelecimento de vínculos com os participantes no primeiro encontro da proposta, buscando identificar as suas visões de mundo e expressá-las ao longo da atividade educativa.

Objetivo: Refletir sobre alguns temas cotidianos, sobre o impacto de suas escolhas de hoje em seu futuro, promoção de visão crítica sobre a humanização, promoção de valorização individual e observar se demonstram autocuidado, autoconceito, iniciativa e o poder de escolha.

Intencionalidade: Observações implícitas na atividade, suas impressões e obter informações das condições psicossociais individuais associadas à atividade.



Movimento de Aproximação e Estabelecimento de Vínculos com os participantes

Justificativa: Utilização do corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores como forma de expressão e dispensando o uso da palavra.

Objetivo: Expressão corporal com objetivo de estimular os aparelhos sensoriais, para se desenvolver outras formas perceptivas do mundo. Ampliar a visão dos participantes, “em que o significado e o significante se tornam indissociáveis, como o sorriso da alegria no rosto, ou as lágrimas da tristeza” (BOAL, 2014, p.17). Expressão da opinião dos sujeitos sobre determinado tema, trazendo-o para discussão, mas sem uso da fala.

Intencionalidade: Tornar visível o pensamento, expressão de opinião e discussão do tema pelo grupo.



Identificação de Temáticas com o uso do Teatro Imagem

Justificativa: Iniciativa educacional dos Momentos Pedagógicos, para apropriação de conhecimento científico, sobre um tema de estudo gerado pelos participantes, que se desenvolve por meio de apropriação, organização e aplicação do conhecimento científico.

Objetivo: “É a desestruturação das explicações contidas no conhecimento de senso comum dos alunos que se pretende inicialmente, para logo após formular problemas que possam levá-los à compreensão de outro conhecimento, distintamente estruturado” (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNANBUCO, 2011, p.199).

Intencionalidade: Capacidade de conceituação científica com situações reais, por parte do público alvo da proposta pedagógica crítica.



Desenvolvimento do Conhecimento Científico Aplicado às Temáticas com uso dos Momentos Pedagógicos

Justificativa: Esse recurso é uma forma dos participantes externalizarem, por meio da ação teatral, sua visão de mundo, criar condições para a ação reflexiva sobre determinado tema e proporcionar a coleta de informações sobre sua significação conscientizadora, por manifestação cultural do teatro.

Objetivo: Modificar a posição epistemológica previamente assumida, ou seja, da condição de objeto para a de sujeito; com isso pretende-se que os educandos deixem de interpretar o mundo cotidiano a partir da perspectiva individual e passem a mirá-lo como grupo, deixando de interpretar o que já está escrito e acabado para criar o novo.

Intencionalidade: Essa atividade permite observar se o conhecimento científico, estudado na etapa anterior, foi apropriado, devido a sua articulação e presença de conceitos científicos fixados pelos educandos na encenação teatral.



Análise da Realidade pela Representação com uso do Teatro Fórum

1º Etapa

Movimento de Aproximação e Estabelecimento de Vínculos com os participantes.

Duração: Sugere-se 1 (um) encontro com duração de até 1h30min.

O primeiro encontro com o grupo visa a realização da atividade individual chamada de "Mural do que eu gosto e o do que não gosto", com o objetivo de identificar elementos que venham a se tornar o tema ou palavra geradora para as próximas etapas.

Na prática

Inicialmente, os participantes podem estar acomodados em roda, sentados em ambiente físico adequado.

A docente se apresenta e propõe uma apresentação dos

participantes, com o nome e idade de cada um e o que fizeram neste o dia.

Após, é colocado ao grupo a atividade do encontro que prevê confecção dos murais "Do que mais gosto" e "Do que menos gosto", sendo disponibilizado a eles os seguintes materiais : lápis de cor, giz de cera, lápis, canetas coloridas, canetas hidrocolor, régua, borracha, tesoura, apontador, colas branca e colorida, folhas A4 brancas, revistas e barbante. Explicado aos participantes que a proposta de hoje é que cada um construa dois murais, conforme a criatividade de cada um, sendo o primeiro mural "Do que mais gosto" e o segundo mural "Do que menos gosto", que esses murais servirão como base para as demais atividades que se fará.

Caro professor/educador, observar as conversas entre participantes durante a atividade e deixar cerca de 1 hora para esse momento.

Para concluir a primeira etapa, realizar uma roda de conversa, sentados como no início da dinâmica, para a realização das apresentações , individuais, de seus murais.

As informações do mural, de cada participante, servirão como base de um mural do grupo, onde as semelhanças serão agrupadas e assim poder-se-á eleger um tema ou palavra geradora, emergido (a) das questões trazidas nos murais individuais que tornam explícitas na atividade, suas impressões e assim, obter informações das condições psicossociais individuais associadas à atividade. Por consequência, o estabelecimento de vínculos entre educador-educando.

2º Etapa

Identificação de Temáticas com o uso do Teatro Imagem.

Duração: 2 (dois) encontros semanais, com duração de até 01h30 min cada, totalizando essa etapa, Teatro Imagem (caracterização e encenação), em até 3 horas.

Uso da técnica do Teatro Imagem que irá simbolizar “O que mais gosto” e “Do que eu não gosto”, individualmente, por meio da técnica do Teatro Imagem, em que os resultados do mural do grupo, da tarefa anterior, serão distribuídos aleatoriamente entre as participantes para a realização do Teatro Imagem.

Na prática

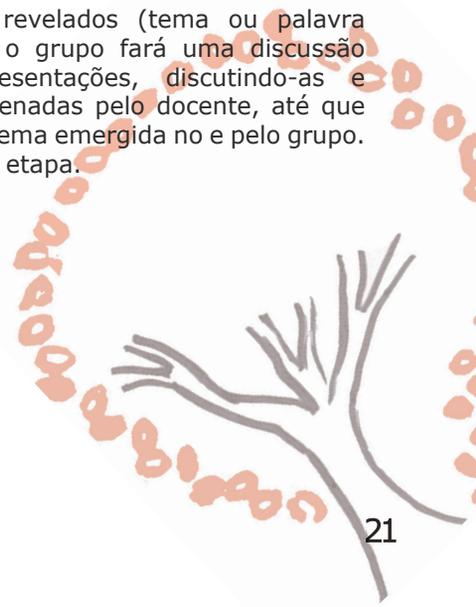
Com base nos temas aflorados pela dinâmica de Integração, aqui é apresentado aos participantes a Técnica do Teatro Imagem, explicado à eles a origem da técnica teatral, quem a criou e como ela se desenvolve,

que se utiliza do corpo, fisionomias, objetos, distâncias e cores como forma de expressão, dispensando o uso da palavra.

Inicialmente, sentados em roda, em ambiente confortável, no mesmo local do encontro anterior, ou seja, foram retomados os temas que aparecerem na etapa anterior e explorados em discussão com o grupo.

A tarefa é esculpir a Imagem Real e a Imagem Ideal de temas problematizados anteriormente, por exemplo, podem emergir temas como política e sociedade, comportamento, imagem pessoal e etc., sendo a iniciação ao Teatro Imagem, como processo investigativo do tema gerador.

A partir, dos resultados revelados (tema ou palavra geradora) pela atividade, o grupo fará uma discussão dos destaques das apresentações, discutindo-as e problematizando-as, coordenadas pelo docente, até que se chegue a situação-problema emergida no e pelo grupo. Após isso, passa-se à nova etapa.



3º Etapa

Desenvolvimento dos Momentos Pedagógicos do tema de estudo gerado pelos participantes.

Duração: Sugere-se 5 (cinco) encontros semanais, com duração de até 01h30min cada, totalizando em até 7h30min. Entretanto, pode ser adequado e flexibilizado, conforme a necessidade.

Considerando as questões pedagógicas e sociais trazidas, durante a segunda etapa, resultará num tema de estudo, para desenvolver os Momentos Pedagógicos.

O primeiro momento pedagógico, chamado de Problematização Inicial, que configure a situação discutida como um problema a ser enfrentado, a partir do conhecimento científico que foi selecionado, por meio da etapa anterior. Com os conhecimentos selecionados, ou seja, o conteúdo de ensino de ciências a ser abordado, passa-se para o segundo momento pedagógico, conhecido como Organização do Conhecimento, que é uma etapa de resolução de problemas, compreensão científica das situações problematizadoras, nesse momento tem-se a função formativa na apropriação de conhecimentos científicos. Por último, o momento seguinte é a Aplicação do Conhecimento, ao analisarem sistematicamente o

conhecimento científico, pretende-se que os participantes articulem, constante e rotineiramente, a conceituação científica com situações reais, explorar o potencial explicativo e conscientizador das teorias científicas, por parte deles, é o esperado pelo docente. Ressalta-se que cada encontro deverá ser planejado contemplando os três momentos supracitados.

Na prática

Inicialmente, sentados em roda, caso tenha...sobre almofadas grandes, conversar um pouco sobre a rotina da semana e novidades sobre o cotidiano dos participantes.

Em seguida, retomar o assunto que eles trouxeram no encontro passado e a partir de então, iniciar uma discussão abordando o tema gerador ou palavra geradora que emergiu na segunda etapa.

Destaca-se que com base na palavra geradora ou tema gerador, o professor/educador organiza aos conteúdos do ensino de ciências que serão abordados nos próximos encontros dessa etapa, que se caracteriza por ser formativa, ou seja, busca a promoção do conhecimento científico.

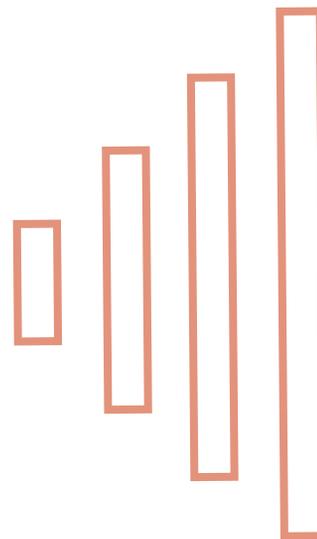
4^o Etapa

Análise da Realidade pela Representação com uso do Teatro Fórum.

Duração: 2 (dois) encontros, com duração de até 01h30min cada, totalizando essa etapa em até 3 horas, contemplando a produção e apresentação teatral.

A proposta da última etapa é a construção de um roteiro de teatro, pelo grupo dos participantes, construção do cenário e figurino (esses materiais são do cotidiano da unidade/instituição), que tem por início uma história, neste caso, referenciada pelo tema estudado na etapa anterior e no momento em que se chega à resolução da situação-problema apresentada, a cena é interrompida e aqui a platéia participa dando-lhes uma conclusão ou conclusões encenada (s) pelo grupo que está no “palco”.

Onde o fim é apenas o começo! Esse recurso é forma deles externalizarem, por meio da ação teatral, sua visão de mundo, criar condições para a ação reflexiva e proporcionar ao docente coleta de informações sobre a possível significação conscientizadora proposta durante todas as quatro etapas da prática educativa e que nessa última pode ser concretamente observada, por manifestação cultural do teatro.



Onde o fim é apenas o começo!

A partir de então, realiza-se a sistematização juntamente com o grupo de participantes, do que foi construído ao longo das quatro etapas da proposta pedagógica crítica, em uma roda de conversa.

Também é preciso ressaltar que o tempo em cada etapa pode mudar, dependendo das necessidades do grupo e das relações que se estabelecem entre educador-educando.

Com base nos registros escritos do educador, ao final das etapas o processo avaliativo, são necessários para observar se houve ou não sucesso na aplicação da presente proposta.

Solicita-se que para iniciar seu processo avaliativo, o docente verifique se os objetivos apresentados em cada etapa foram suficientemente alcançados.

E se houve falhas, quais podem ser apontadas? É possível identificar os motivos? Qual planejamento é necessário para minimizá-las ou superá-las?

O processo avaliativo, referenciado pelos pressupostos freireanos, deve prever a análise da percepção da realidade que os participantes se colocam, por meio da significação conscientizadora de sua condição enquanto "ser humano".

Caro educador, nesse sentido Paulo Freire descreve as categorias de consciência que o sujeito se encontra em suas relações no e com o mundo, sejam elas, intransitividade da consciência, consciência transitiva ingênua, consciência mágica e consciência crítica.

A intransitividade da consciência se caracteriza pelo

homem imerso em sua realidade, sem capacidade de questionamentos ou sugestão para com o mundo em que vive, Freire (1983, p.59) categoriza que essa forma de consciência "representa um quase compromisso entre o homem e sua existência", considerando que nesse sentido, o homem não vai além dos problemas que considera do entorno de sua esfera vital, de subsistência, de sobrevivência, sem estar presente a condição histórica do homem, pois segundo Freire (1983, p.59) "circunscreve-o a áreas estreitas de interesses e preocupações". Para a mudança dessa categoria de consciência, o homem precisa realizar a emersão para o novo estado de consciência a transitiva.

Essa emersão é compreendida pela capacidade do homem em ampliar seu diálogo, além daquelas áreas estreitas que era acostumado, ampliando-os para novos diálogos em para além de sua esfera vital, de acordo com Freire (1983, p.60) "na medida, porém, em que amplia seu poder de captação e de resposta às sugestões e às questões que partem de seu contorno e aumenta seu poder de dialogação, não só com outro homem, mas com o seu mundo", assim há a transformação da consciência intransitiva para a transitiva, que inicialmente é chamada por ingênua.

Segundo Freire (1983, p.60) a consciência transitiva ingênua se reconhece pela sua "simplicidade na interpretação dos problemas [...] pela subestimação do homem comum, [...] gosto pelas explicações fabulosas. Pela fragilidade na argumentação", também é característico desse estado de consciência o uso da polêmica a do diálogo e de "explicações mágicas" (FREIRE, 1983, p.61). Assim, ela se julga numa superposição à realidade, tendo em vista

que lhe atribui caráter estático e pré-estabelecido, “se crê superior aos fatos, domina-os de fora, e por isso, se julga livre para entendê-los conforme melhor lhe agrada” (FREIRE, 1983, p.105).

Por sua vez, há a transitividade da consciência ingênua para a mágica, na medida em que o processo de dialogação, iniciada na consciência ingênua, se deforma com respostas e explicações de cunho mágicas, a saber.

A consciência mágica, por outro lado, não chega a acreditar-se superior aos fatos, domina-os de fora, nem se julga livre para entendê-los como melhor lhe agrada. Simplesmente os capta, emprestando-lhes um poder superior, que a domina de fora e a que tem, por isso mesmo de submeter-se com docilidade. É próprio desta consciência o fatalismo, que leva ao cruzamento dos braços, à impossibilidade de fazer algo diante do poder dos fatos, sob os quais fica vencido o homem (FREIRE, 1983, p.103 e 104).

Para Freire (1983, p.61) quando há a “substituições de explicações mágicas por princípios causais”, quando há o uso no diálogo ao invés da polêmica, o homem demonstra um amadurecimento no estado de consciência, que então passa a se chamar consciência crítica, considerando que segundo o mesmo autor (1983, p.61), essa deve estar atrelada a uma “educação dialogal, e ativa, voltada para responsabilidade social e política, se caracteriza pela profundidade na interpretação dos problemas, (...) pela segurança na argumentação”.

A consciência crítica tem por finalidade que o homem perceba sua integração com a realidade, a sua

responsabilidade e compromisso com o seu existir. Freire (1983, p.105) segue relatando que a consciência crítica “é a representação das coisas e dos fatos como se dão na existência empírica. Nas suas correlações causais e circunstanciais”. Essa categoria de consciência é almejada para todos os homens, é a mais próxima a democracia enquanto regime político, em especial a consciência crítica é almejada pela educação, quando se tem a capacidade de refletir, pensar, dialogar sobre os problemas e situações que envolvem o sujeito, o mundo e sujeito no mundo. Que esteja “Identificada com as condições de nossa realidade. Realmente instrumental, porque integrada ao nosso tempo e ao nosso espaço e levando o homem a refletir sobre sua ontológica vocação de ser sujeito” (FREIRE, 1983, p. 106).

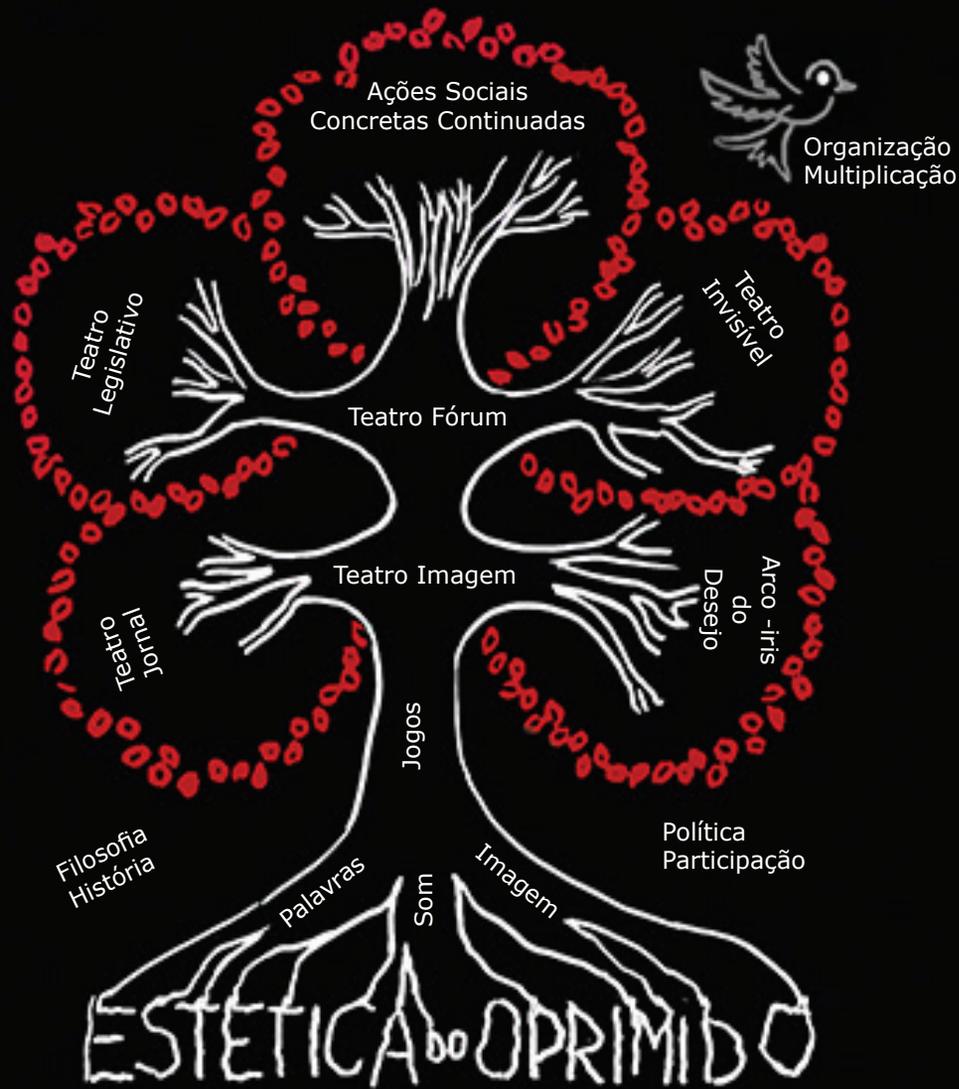
Baseado no processo investigativo realizado, para finalizar a avaliação do percurso, questiona-se ao educador, foi possível identificar em qual categoria de consciência, proposto por Freire, cada participante se encontra?

Caro docente, lembre-se

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo.”

Paulo Freire





BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Cosac Naify. 1º reimpressão. São Paulo. 2014.

BRASIL.. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2007.60 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf. Acessado em: 03/07/2016.

COSTA, Rodrigo Heringer. Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/index.php/simpom/article/viewFile/4578/4100>. Acessado em 15/06/2016.

CURITIBA. Fundação de Ação Social. Centros de Referência Especializados de Assistência Social – CREAS. Disponível em <http://www.fas.curitiba.pr.gov.br/conteudo.aspx?idf=104>. Acessado em 15/06/2016.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERAMBUCO, Marta Maria. Ensino de Ciências Fundamentos e Métodos. Editora Cortez. São Paulo. 2011.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Paz e Terra. 14ª edição. 1983. Rio de Janeiro. RJ.

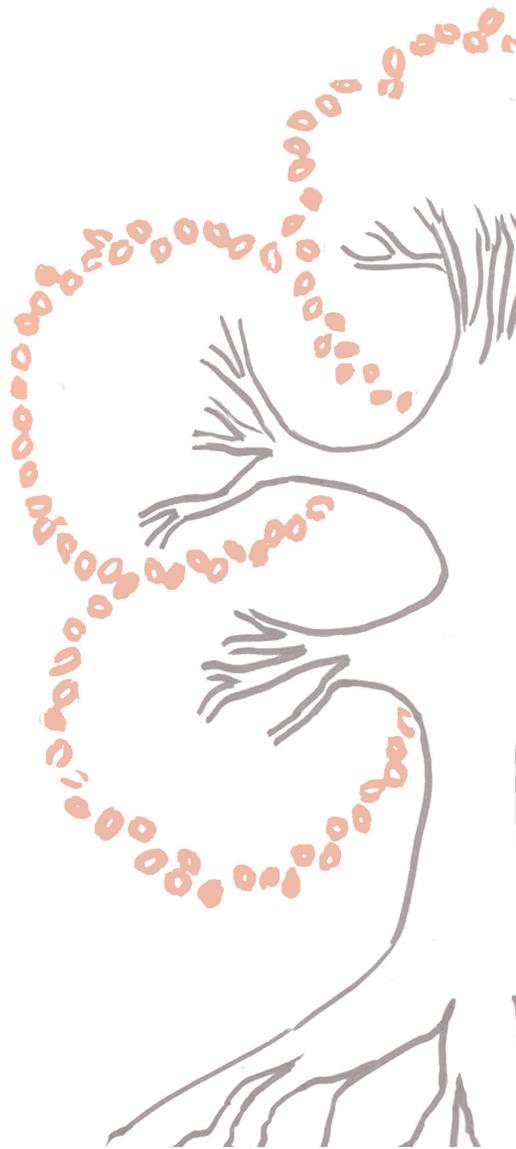
FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra. São Paulo. 2014.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Disponível em http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acessado em 05/07/2016.

PALHARES, José Augusto. Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v22n2/v22n2a04.pdf>. Acessado em 05/07/2016.

SANTOS, Bárbara. Teatro Fórum. Disponível em <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-forum/>. Acessado em 15/06/2016.

SANTOS, Bárbara. Teatro Imagem. Disponível em <http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-imagem/>. Acessado em 15/06/2016.



Mestranda Dayana Haenisch
Orientador Prof. Dr. Marcelo Lambach
UTFPR- Campus Curitiba - PPGFCET